

RESSIGNIFICANDO O LUGAR DA VELHICE ATRAVÉS DA BENZEÇÃO: A VALORIZAÇÃO DA TRADIÇÃO E DO SABER POPULAR

Ariadne Messalina Batista Meira (1); Karla Lourrana Cavalcante Pontes (2); Emerson Araújo Do Bú (3); Karyanna Alves de Alencar Rocha(4); Cristina Ruan Ferreira de Araújo (5).

(1) *Graduanda de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista do PET Conexões de Saberes Fitoterapia, ariadne.messalina@gmail.com;*

(2) *Graduanda de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista do PET Conexões de Saberes Fitoterapia, karla_lourrana@hotmail.com;*

(3) *Graduando de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista do PET Conexões de Saberes Fitoterapia, dobuemerson@gmail.com;*

(4) *Graduanda de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista do PET Conexões de Saberes Fitoterapia, kary.aar@hotmail.com;*

(5) *Professora Drª Adjunto III dos Cursos de Medicina e Enfermagem e tutora do PET Conexões de Saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande, profcristanaruan@gmail.com;*

RESUMO

As mudanças demográficas decorridas nos últimos anos têm provocado o aumento da expectativa de vida e aumento do número de idosos no Brasil, conjuntura que fomenta, cada vez mais, a busca de novas possibilidades para o envelhecimento ativo e saudável, uma vez que o envelhecimento é socialmente estigmatizado, associado a decrepitude e inutilidade. Diante disso, tendo em vista que as práticas de cuidado em saúde estão diretamente atreladas ao entendimento cultural de um povo acerca do processo saúde-doença, bem como seu entendimento acerca de morte e bem-estar, o Brasil emerge com uma pluralidade de registros e heranças culturais tradicionais, que abrem terreno para a sobrevivência de práticas ritualísticas através dos séculos. A benzeção se insere nesse solo, com existência atrelada ao catolicismo popular e às culturas indígena e africana, sendo transmitida através da oralidade entre gerações e sobrevivendo até os dias atuais. Assim, a partir de uma pesquisa de campo com 6 benzedadeiras da comunidade Malvinas do município de Campina Grande – PB, o presente trabalho busca fazer um recorte desta, ensaiando encarar a prática da benzeção como possibilidade de deslocar o idoso do lugar social estigmatizado que ocupa na contemporaneidade, na medida em que fomenta a valorização do saber dessas velhas benzedadeiras e entende a benzeção como prática que movimenta o desejo das mesmas e, portanto, lhes confere um lugar no mundo, restituído de sentido e utilidade, na prática do bem para o outro.

Palavras-chave: Envelhecimento ativo; benzedeiras; tradição.

ABSTRACT

Demographic changes elapsed in recent years have caused the increase in life expectancy and increasing numbers of old people in Brazil, environment that fosters increasingly the search for new possibilities for active and healthy aging, since aging is socially stigmatized, associated with decrepitude and uselessness. Therefore, once that health care practices are directly linked to the cultural understanding of the people about the health-disease process, as well as their understanding of death and wellness, Brazil emerge with a plurality of records and traditional cultural heritage, which opened way for the survival of ritual practices over the centuries. The faith healing process falls within that soil at presence linked to popular Catholicism and indigenous and African cultures, which are transmitted through the oral tradition between generations and surviving to the present day. From a field research with 6 healers from Malvinas community of Campina Grande - PB, this paper seeks to make a cut of this rehearsing face the practice of *benzeção* as a possibility to move the elderly of the stigmatized social place occupied in contemporary times, in that it promotes the enhancement of knowledge of these old healers and understands the *benzeção* a practice that drives the desire of the same and therefore gives them a place in the world, returned for meaning and usefulness in doing good for another.

Keywords: Active aging ; Healers ; Tradition.

INTRODUÇÃO

A prática da benzeção tem origem remota no Brasil, com existência atrelada às culturas indígena e africana¹ uma vez que “os benzimentos são sem dúvida uma das formas mais antigas de cura do mundo (...) originários dos curandeiros antigos nos primórdios da humanidade há pelo menos 30 mil anos”^{2:17}, embora sua origem no país só tenha sido relatada a partir do século XVII³, quando do Brasil colonial. Benzedeiras (os), como são chamados suas/seus praticantes, atuam como intermediárias entre o ser humano e o sagrado¹, mesclando crenças e sincretismos através dos usos das plantas medicinais, remédios naturais, banhos e utilização de elementos indígenas⁴, sendo associada ao catolicismo popular e transmitida entre gerações através da oralidade ou da atribuição de um dom divino⁵.

A prática da benzeção atravessou séculos e chegou aos dias atuais, presente no cotidiano principalmente das classes populares, embora não somente, uma vez que a cultura não é estanque e limitada. Encontra-se, no atual cenário, como outra possibilidade de produzir respostas as práticas de promoção à saúde que não

caminham no mesmo sentido dos ditames científicos da medicina do século XXI. Além disso, em meio as mudanças demográficas sofridas pelo Brasil nos últimos anos com o crescente aumento na expectativa de vida das pessoas e consequente aumento na quantidade de idosos, a benzeção emerge enquanto possibilidade de “causa” para esses sujeitos⁵, no sentido de proporcionar que se tenha um propósito que move o sujeito de desejo e que o implica e o localiza no mundo perante os outros.

Em meio a uma contemporaneidade atravessada pelos avanços tecnológicos crescentes, pela rápida obsolescência dos objetos e pelo fluxo contínuo e extenuante de informações, o lugar do velho na nossa sociedade tem sido associado negativamente à morte, decrepitude e inutilidade, termos que marcam a era pós-revolução industrial⁶. Desse modo, o velho – termo que vem tentando ser apagado e substituído por eufemismos menos estigmatizados como “terceira idade” ou “idoso” -, na modernidade, não existe sob o signo positivo de inclusão, mas lhe é dado o *não-lugar* de reconhecimento, *status* e valor social, sendo, portanto, um sujeito em suspensão, enquanto sem projetos.

A benzeção, diante do que se coloca, se encontra na contramão dessa lógica, funcionando, portanto, enquanto sustentáculo para localizar esses sujeitos no mundo sob o signo da inclusão, dando-lhes um lugar subjetivo positivo, que promove a sensação de pertencimento e de serem detentoras de um saber único e sagrado⁵. Nesse ínterim, é importante considerar que no “limiar do século XXI a benzeção e o curandeirismo ainda são práticas religiosas populares, em plena vigência, mesmo que (re)significadas”^{7:138}, compondo a relevância de se atentar para tais práticas na busca de sua valorização no singular de cada benzedor, na medida em que implica ressignificar também o lugar simbólico do idoso e da tradição na sociedade atual.

O trabalho ora em apreciação se veste desse discurso com o objetivo de refletir a importância da benzeção para um grupo de idosas Benzedoras da comunidade Malvinas no município de Campina Grande – PB, a partir do recorte de um Estudo de Campo realizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes Fitoterapia.

METODOLOGIA

O presente trabalho se trata do recorte das vivências de uma pesquisa realizada pelo Programa de Educação Tutorial / Conexões de Saberes Fitoterapia por estudantes de psicologia, enfermagem e medicina, da Universidade Federal de Campina Grande, na comunidade Malvinas V do município de Campina Grande – PB, com um estudo de campo acerca das Benzedeadas em meio aos costumes e tradições populares, que constituiu estudo exploratório, descritivo e explicativo, de abordagem qualitativa.

A pesquisa se deu por meio de busca no interior da própria comunidade acerca das Benzedeadas e sua localização, tendo sido constituída por 6 benzedeadas. Utilizou-se, para a coleta dos dados e informações no decorrer do processo, as técnicas de roteiro de entrevista e observação participante - além de diário de campo -, com uso da técnica de análise de discurso para tratamento dos dados coletados.

É importante ressaltar que, no presente trabalho, o enfoque não será dado às questões entrevistadas, mas ensaia refletir a importância da prática da benzeção realizada por essas 6 mulheres idosas a luz de um novo lugar simbólico para a velhice, a partir da sua inserção e valorização nas práticas de promoção à saúde.

Ressalta-se que todos os sujeitos envolvidos na pesquisa foram devidamente esclarecidos a respeito do projeto e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, baseado na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, uma vez que todo o processo esteve respaldado pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Vivos do Hospital Alcides Carneiro, de Campina Grande – PB, com parecer de nº 639.010 e CAAE de nº 16781913.1.0000.5182.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura tem papel fundamental nas práticas curativas de saúde, uma vez que as concepções de saúde, doença, morte e bem-estar influenciam diretamente na forma com a qual cada um dos diferentes povos habitantes do globo irão exercer e promover o cuidado. No Brasil, atravessada pela pluralidade de povos que o

habitaram, tem-se arraigado o saber tradicional, repassado entre gerações, baseado na espiritualidade e na crença no sagrado, que possibilitaram a prática da benzeção sobreviver e atravessar séculos. Diante disso, a partir da pesquisa em campo, 06 benzedeadas foram encontradas no bairro das Malvinas V, cuja população é maior que 36 mil habitantes⁸, dentro do município de Campina Grande – PB, sendo todas elas do sexo feminino, residentes na comunidade em questão e com idade superior a 60 anos.

Embora esteja cada vez mais incomum em determinados espaços geográficos, os rituais de benzeção e cura sempre possibilitaram formas de interação e sociabilidade entre os membros do grupo social envolvido⁵. Tal fato está explicitado na fala das benzedeadas entrevistadas, a medida em que discorreram acerca do ensino da benzeção e como este se deu, em sua maioria através do repasse oral feito por avós, avôs ou pela mãe, e contam elas que quando o familiar começava a falar acerca da reza, despertavam o interesse das mulheres, tendo tido apenas um relato em que tal repasse se deu por parte de uma figura masculina. A realidade em questão corrobora com a figura arquetípica do feminino na cultura ocidental, detentora do dom de cuidar⁹ e poder dar a vida¹⁰. “Donas de um conhecimento simbólico, mítico e mágico, elas habitam e participam uma socialidade, simultaneamente, real e imaginária. Isso se afirma na medida em que são procuradas pelos membros de sua comunidade para prestarem seus serviços”^{9:2-3}.

Essa procura, em meio a realidade do mundo contemporâneo, tem sido cada vez mais eclipsada⁹, fato também presente na fala de uma das mulheres, ao apontar sua insatisfação com o pouco interesse em aprender a prática, por parte das mulheres mais jovens da sua família. Essas práticas vão de encontro ao lugar simbólico emprestado pela cultura ocidental para a velhice, enquanto detentora de um não-lugar, reservada a inutilidade, uma vez que desvaloriza um saber e deslegitima essa prática em detrimento de modernidades outras que, segundo as benzedeadas, estão distantes do que elas querem tratar.

Para essas mulheres, as doenças curadas pela medicina e as doenças curadas pela benzeção são distintas, buscando estas cuidar de enfermidades relacionadas a questões sociais, psicológicas e espirituais que afetam a vida dos sujeitos por elas atendidos⁹. Assim sendo, sentem-se provocadas por algo, no sentido de serem empoderadas por serem detentoras de um conhecimento único, singular, ao qual nem todos têm acesso livre, principalmente por se referirem à benzeção como um dom divino, dado gratuitamente - razão pela qual justificam não se permitirem cobrar pela reza. Embora não gire em torno de um pagamento real, o ritual da benzeção movimenta a troca simbólica de valorização de um saber em detrimento da cura para uma enfermidade. Essa valorização em se procurar uma idosa benzedeira em busca da sua reza, desloca esses sujeitos do lugar social da inutilidade e deterioração e os coloca no lugar do sagrado, do mágico, que remonta à visão antiga em que “o velho representa, por um lado, o saber, o conhecimento, a reflexão, a sabedoria, a inteligência e a intuição e, por outro, também qualidades morais como benevolência e solicitude, as quais tornam explícito seu caráter ‘espiritual’”^{11:218}. Sua forma de viver, estando em movimento na direção de ajudar as pessoas que as procuram, difere das representações e imagens construídas em torno da velhice na modernidade; assim, o benzimento confere identidade e o sentido de pertencimento⁵ a essas mulheres idosas, sendo entendido por elas enquanto um ofício.

Em meio a crescente demanda de estudos e propostas que são vinculadas na mídia acadêmica acerca de novas possibilidades para o envelhecimento “saudável” – compreendido no campo do singular, do entendimento particular de cada sujeito acerca do processo de saúde -, a valorização do saber tradicional se coloca como saída pertinente para esses grupos que tem sido cada vez mais escamoteados, em meio ao imediatismo e racionalismo advindos do pensamento pós-industrial. Apontam, dessa forma, para a necessidade de se olhar para as velhices, diferentes e singulares em suas formas de se conceber⁵. Uma vez que para o sujeito do inconsciente não há tempo cronológico, é possível refletir que o sujeito não envelhece e, embora as marcas do tempo sejam impressas em seu corpo, que o

processo de envelhecimento não é sinônimo de patologia⁶. Assim sendo, considerando que “o melhor remédio para a angústia é o desejo”^{12:115}, faz-se mister o olhar atento para essas velhas benzedoras, que guardam consigo o saber e, conseqüentemente, um pedaço da história e da cultura popular, de modo a mantê-las vivas, atuantes e desejantes através de seu ofício.

CONCLUSÕES

Diante do que foi exposto, em meio as mudanças culturais da contemporaneidade, o processo de envelhecimento vem sendo repensado cada vez mais, no sentido de encontrar alternativas que possibilitem conferir um sentido a existência dos idosos, localizados simbolicamente no lugar de decrepitude e inutilidade. Nesse ínterim, a prática da benzeção oferece saída para alguns sujeitos, desse “não-lugar” ofertado pela sociedade, compondo para as mulheres em questão no presente trabalho, uma nova possibilidade de ser no mundo através do ofício sagrado da reza. Sua procura faz movimentar, portanto, o desejo, uma vez que podem ter uma causa no mundo: ajudar as pessoas, como agenciadoras da cura. Nesse movimento, mantem-se viva a tradição e, através dessas idosas, “guardiãs da memória”¹, a manutenção da benzedura na atualidade, de modo a poder causar novos sujeitos em envelhecimentos ativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ¹ Silva CS. Rezadeiras: guardiãs da memória. Artigo, 2009.
- ² Borchardt J, Colvero RB. A prática do benzimento em São Miguel das Missões. VI Congresso Internacional de História. Set. 2013. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/354_trabalho.pdf>.
- ³ Maciel MRA, Neto GG. Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. 54º Congresso Nacional de Botânica, Belém, Pará. Ciências Humanas, Belém, set-dez. 2006; 1(3): 61-77.

- ⁴ Aguiar GO. Mulheres negras da montanha: as benzedeadas de Rio de Contas, Bahia, na recuperação da saúde. Ciberteologia. Revista de Teologia & Cultura, 2009; 5(21): 48-51.
- ⁵ Hoffmann-Horochovska MT. Velhas Benzedeadas. Mediações – Revista de Ciências Sociais. 2012; 17(2): 126-140. DOI: 10.5433/2176-6665.2012v17n2p126.
- ⁶ Goldfarb DC. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1998.
- ⁷ Silva GS. Um cotidiano partilhado entre práticas e representações de Raizeiros e Benzedeadas (Remanescentes de Quilombo de Santana da Caatinga – MG / 1999 – 2007). Dissertação. Mestrado em História. Universidade de Brasília, 2007.
- ⁸ IBGE. Censo Demográfico 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
- ⁹ Cunha LA. Benzedeadas, saberes e oralidade: a cura através do dom e da palavra. IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Fortaleza – CE: 2013.
- ¹⁰ Muraro RM. Breve introdução histórica. In: Kramer H., Sprenger J. Malleus Maleficarum. O Martelo das Feiticeiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1993.
- ¹¹ Jung CG. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ¹² Lacan J. O Seminário, livro 10 - A angústia (1962-63), texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão final Harari A; tradução de Ribeiro V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.